



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**Roda sem rodeio: a roda de conversa na educação infantil e
sua repercussão no trabalho pedagógico**

Ágatha Leite de Jesus

Brasília-DF

2016

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**Roda sem rodeio: a roda de conversa na educação infantil e
sua repercussão no trabalho pedagógico**

Ágatha Leite de Jesus

Trabalho Final de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da professora Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza.

Brasília-DF

2016

**Roda sem rodeio: a roda de conversa na educação infantil e
sua repercussão no trabalho pedagógico**

Ágatha Leite de Jesus

Comissão examinadora:

Profa. Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza
Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. Edileuza Fernandes da Silva
Universidade de Brasília – UnB

Profa. Ma. Maria Luiza Dias Ramalho
Secretaria de Educação do Distrito Federal

*Aos meus queridos pais e irmãos,
e ao meu amado namorado.*

AGRADECIMENTOS

Quem conhece minha trajetória acadêmica sabe que foram anos de amadurecimento, mudanças, choros e alegrias e que todos os momentos me proporcionaram aprendizado. Esse mérito não é só meu, pois por trás dessa conquista existem vários anjos que me auxiliaram.

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, por mais uma graça e por ter colocado essas pessoas como anjos na minha história.

Sou muito grata aos meus pais que foram meus primeiros educadores, guiando meus passos, passando a fé e mostrando o valor da família, da comunhão e do amor.

Agradeço aos meus irmãos, sogros, cunhados, familiares, comunidade e amigos que estiveram presentes por meio de conselhos e orações.

À equipe de professores e, em especial, à minha orientadora, Maria Emília, que como mestres e doutores, fizeram perceber que educar é mais que uma vocação, é uma missão.

Por fim, agradeço ao melhor amigo e meu grande amor, Felipe B. Castilhos, que esteve ao meu lado em todos os momentos, incentivando e fazendo dos meus sonhos os nossos sonhos.

No curso aprendi que ser pedagoga é um desafio diário, que não somos detentores do saber, estamos em constante aprendizagem e que a cada dia podemos aprender algo novo.

Então, não é o fim do meu processo de formação, e sim o começo de uma nova etapa!

RESUMO

O presente estudo pretendeu investigar a influência das falas das crianças no momento de roda de conversa no trabalho pedagógico do professor. Nessa perspectiva, buscou-se observar o cotidiano de uma turma de educação infantil de uma escola de jardim de infância, localizada na Asa Norte/Brasília-DF, e compreender como a roda de conversa ocorre e como a professora desenvolve seu trabalho. Além disso, realizou-se entrevista com a professora da respectiva classe para investigar seu entendimento por roda, infância, trabalho pedagógico e como ela desenvolvia seu trabalho com foco na roda de conversa. Por fim, foi feita uma comparação com o vivenciado e a fala da professora. A discussão teórica baseou-se, principalmente, no documento Currículo em Movimento da educação infantil, e as teorias de Vigotski e Paulo Freire. A pesquisa mostrou a importância da interação para o desenvolvimento das crianças e o trabalho pedagógico. Assim, o estudo mostrou a necessidade da utilização do contexto do aluno e das falas deles para o trabalho que o professor desenvolve dentro de sala e seus planejamentos.

Palavras-chave: Educação infantil; Roda de conversa; Trabalho pedagógico.

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO..... | 1 |
| PARTE II – COMEÇANDO A CONVERSA (INTRODUÇÃO)..... | 4 |
| CAPÍTULO 1. RODA COM OS MESTRES | 5 |
| 1.1 Infância e educação infantil..... | 5 |
| 1.2 Rotina na educação infantil..... | 7 |
| 1.3 Hora da roda!..... | 9 |
| 1.4 Vamos conversar um pouco sobre o professor e o trabalho pedagógico?..... | 11 |
| CAPÍTULO 2. FALANDO SOBRE A METODOLOGIA..... | 13 |
| 2.1 Abordagem metodológica, instrumentos e procedimentos empíricos..... | 13 |
| 2.2 Contexto da pesquisa..... | 15 |
| 2.3 Participantes..... | 15 |
| CAPÍTULO 3. RODA SEM RODEIO: RESULTADOS E ANÁLISE..... | 17 |
| FECHANDO A RODA..... | 27 |
| PERSPECTIVAS FUTURAS..... | 29 |
| REFERÊNCIAS..... | 30 |
| APÊNDICES..... | 32 |

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazerem balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas terá sido? Acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado (GUIMARÃES ROSA).

Buscar memórias passadas é uma prática não tão simples, mas o autoconhecimento é essencial, pois o passado sempre nos ajuda com os acontecimentos futuros.

Nasci no dia 11 de maio de 1993, em Brasília, localizada no Centro-Oeste do Brasil. Meu nome foi escolhido pela minha mãe, Significa “boa, perfeita, respeitável, virtuosa”. Surgiu a partir dos nomes gregos *Agathe* e *Agathós*, os quais por sua vez têm origem na palavra grega *agathos*, “bom, perfeito, respeitável, virtuoso”. Esse nome foi popularizado a partir de Santa Ágata de Catania, comuna italiana da região da Sicília. A Santa é conhecida como protetora dos seios.

Sou filha de Adriane Maria de Carvalho Leite e Ary Leite de Jesus, primeira de nove filhos. Meus pais não evitam os filhos, mas ao contrário, estão abertos a todos que Deus enviar. Em obediência ao ensinamento contido na doutrina católica, que quer dizer “abertos à vontade de Deus”, optaram por ter quantos filhos Deus permitir a eles, criando com a responsabilidade de educar através da Fé que recebem da Igreja e de acordo com os valores empregados por Cristo, espelhando-se na Sagrada Família.

Minha mãe foi sempre a minha primeira e mais importante de todas as educadoras. Além de ser uma supermãe, junto ao meu pai, acompanhou e participou muito da minha vida escolar. Já meus irmãos tiveram grande contribuição no meu desenvolvimento social, moral e pessoal: foi através da convivência com diversas personalidades e faixas etárias que aprendi a escutar, ter responsabilidades, aconselhar, não querer tudo no meu tempo, compartilhar bens materiais. Com eles experimentei trocas significativas, tive minhas primeiras rodas de conversas e de brincadeiras.

Apesar dos meus pais trabalharem o dia todo, sempre foram comprometidos com o papel de educar, de passar valores e com suas responsabilidades sociais. Cresci em um ambiente

cheio de amor e atenção. Como trabalhavam, tiveram que me inserir no campo educacional muito cedo. Entrei na creche antes dos 3 anos, junto com minha primeira irmã que tinha meses de vida. Não lembro muito desse período.

Depois entrei na pré-escola, onde fui alfabetizada. Um ponto que me chama atenção nas minhas recordações é que a prática de situar o aluno no contexto histórico e social não era comum no processo de aprendizagem. As professoras usavam muitos contos, histórias e músicas, mas a sala de aula era como se fosse um pedaço à parte do resto do mundo, não era trabalhado o entendimento de mundo, cultura, arte, cinema, literaturas nacionais.

A escola em que fui alfabetizada, Centro de Ensino 50 de Taguatinga, era enorme, tinha alunos de primeiro a quinto ano e, para chegar a minha sala, tinha-se que descer uma rampa muito grande, pois esta era a primeira do corredor. Na sala, as mesas eram pequenas e quadradas e se sentavam quatro crianças em cada mesa. O alfabeto ficava acima do quadro-negro e tinha muitas cartolinas e trabalhos nossos espalhados pela parede. Ao lado do quadro, tinha um plástico com números e o calendário, e no cantinho da sala um filtro de barro. Nas poucas memórias que tenho da sala de aula, já é possível identificar alguns critérios escolhidos e desenvolvidos pelas professoras: elas priorizavam colar os trabalhos feitos pelos alunos na parede, assim a criança se sente parte e se identifica com o lugar, além do campo visual ser importante para memorização e aprendizado. Havia, também, papel pardo com histórias na letra das professoras.

Eu tinha uma relação muito boa, de carinho e respeito, com minhas professoras. Um dia que me marcou foi o primeiro dia de aula. Elas trabalharam a música do abecedário da Xuxa, a música estava escrita num papel pardo e elas perguntaram quem conhecia, eu já conhecia a letra e a música, lembro que as professoras ficaram impressionadas. Um fato no processo da minha aprendizagem é que muito antes eu já era estimulada com leituras e músicas lidas e cantadas pela minha mãe, tendo também passado por uma creche do órgão que meu pai trabalhava, então desde antes já tinha bastantes estímulos.

Percebi que estava lendo quando sai com meu pai e no carro meu pai brincava de procurar placas comigo “*onde tem a escrito pare, filha?*”. Antes era “*onde tem tal letra?*”, depois foi aumentando o nível de dificuldade e um dia, sem ele perguntar, li uma palavra de um anúncio. Lembro que meu pai ficou surpreso, eu tinha 5 anos.

Nunca tive muita dificuldade nos anos iniciais. Lembro que eu tinha um pouco de preguiça de copiar as coisas do quadro, mas, tirando isso, sempre gostei muito da escola e tinha facilidade de aprender. A escola sempre foi um ambiente que eu gostava de estar. Recordo que minhas brincadeiras de infância eram, na maioria das vezes, envolvendo o ambiente escolar, imitando minhas professoras e ensinando minhas bonecas. Por minha mãe ser professora, desde pequena eu pude admirar o papel do professor, vendo o quanto minha mãe se empenhava em cada trabalho levado para casa, cada plano de aula que era feito com amor e doação.

No ensino fundamental, meu amor pela escola continuou, sempre fui destaque nos colégios pelos quais passei. Um ponto relevante da minha vida escolar é que sempre troquei muito de escola por ter mudado muito de casas e bairros. Entretanto, nunca senti dificuldade de me adaptar a novos lugares e pessoas, sempre fui muito comunicativa e tinha facilidade com as matérias. Estudei em escolas da rede pública na maior parte da minha vida, apenas o ensino médio e um ano do ensino fundamental em rede particular.

No ensino médio, foram anos cheios de escolhas e preparatório para o vestibular, fiquei muito indecisa na escolha de curso. Sempre pensei em fazer pedagogia, mas muitos não foram a favor, criticavam e menosprezavam o curso. No terceiro ano do ensino médio, acabei optando por Ciências Contábeis e ingressei na Universidade de Brasília pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS). Não me identifiquei com o curso e depois de cinco semestres, fiz o vestibular e passei para pedagogia! Em pedagogia, realmente me senti realizada. Não vejo o tempo que passei em Ciências Contábeis como perdido, foram anos em que pude ter experiências novas e amadurecer, assim fiz o curso de pedagogia mais velha e madura.

A minha maior experiência de roda de conversa foi e é na vida adulta. Participo de um carisma da Igreja Católica, Caminho Neocatecumenal, e tenho experiências de roda de conversa, onde compartilhamos nossas vidas, podemos ser ouvidos e temos liberdade de falar. Por ter essa experiência na igreja, na família e ter tido na escola, a roda de conversa para mim é fundamental para o ser humano em geral e, por esse motivo, optei por ter um olhar na roda de conversa escolar e como a professora utiliza esse momento para sua prática pedagógica.

PARTE II

COMEÇANDO A CONVERSA (INTRODUÇÃO)

Por muito tempo, ao longo da história, os conceitos atribuídos à infância eram definidos como uma mera etapa biológica do ser humano. Os estudos de Ariès (1973) deram uma nova atribuição de significado social à infância, mostrando que não se trata apenas de uma etapa biológica. A ideia da palavra infância tem sido alvo de grande discussão, uma vez que etimologicamente essa palavra deriva da expressão latina *infans* – e quer significar "o que não fala" ou "o não falante".

A escolha do tema e da questão central do trabalho monográfico teve início já nas minhas observações em sala de aula no estágio obrigatório. Sempre acreditei na extrema importância de ouvir o aluno e que essa escuta sensível facilitaria o trabalho dentro de sala de aula. A roda de conversa, ao meu ver, é fundamental para o progresso das práticas pedagógicas e para melhor compreensão dos educandos. Por esse motivo decidi em meu trabalho acadêmico aprofundar mais o tema e trazer o problema central: quais as implicações das falas das crianças da educação infantil na roda de conversa sobre a organização do trabalho pedagógico? O meu foco é o olhar do professor quanto a roda de conversa, como ele enxerga esse momento e o que ele retira da roda para sua prática e como isso impacta no seu trabalho. Logo, meus questionamentos eram: qual a concepção da roda de conversa para o professor e como isso impacta na sua prática docente? Como a roda de conversa tem se desenvolvido na rotina escolar de uma turma de educação infantil? Como o professor pode, por meio das falas das crianças, organizar o trabalho pedagógico? Diante desses questionamentos esse trabalho busca analisar as implicações das falas das crianças da educação infantil na roda de conversa sobre a organização do trabalho pedagógico da professora.

A pesquisa aconteceu por meio de observações feitas dentro de uma sala de educação infantil. Os pontos que procurei analisar e que são os objetivos específicos do trabalho foram: analisar a concepção da roda de conversa para a professora e como isso impacta na sua prática docente; perceber como a roda de conversa tem se desenvolvido na rotina escolar de uma turma de educação infantil; e entender como a professora pode por meio das falas das crianças organizar o trabalho pedagógico. Ao longo dos capítulos, por meio de observação em sala, entrevista e com ajuda do Currículo em Movimento, procuro responder aos questionamentos iniciais.

CAPÍTULO 1

RODA COM OS MESTRES

1.1 Infância e educação infantil

Quando se procura a palavra criança no dicionário, a maioria tem a seguinte informação: “Menino ou menina que está no período da infância, entre o nascimento e a puberdade. Pessoa muito jovem; quem não atingiu a idade adulta. Infantil; pessoa sem experiência; quem é ingênuo, inocente”, A origem da palavra vem do latim *creare*, “produzir, erguer” e *crescere*, “crescer, aumentar”. Já a palavra infância: “Período da vida humana desde o nascimento até cerca de 12 anos”. Etimologicamente, a palavra infância tem origem no latim *infantia*, do verbo *fari*, “falar”, em que *fan* é “falante” e *in* constitui a negação do verbo. Assim, *infans* refere-se ao indivíduo que ainda não é capaz de falar.

Historicamente, na Idade Média, bem anterior à escolarização das crianças, estas e os adultos participavam dos mesmos ambientes e ocasiões, sejam eles domésticos, de afazeres e trabalhos ou de festividades. Na sociedade medieval, não existia o sentimento de infância ou uma representação formada dessa fase da vida. Não havia muitas etapas de vida como temos hoje, mas já alimentavam, desde essa época, a ideia de uma vida dividida em fases. O indivíduo era reconhecido na sociedade a partir dos 21 anos, antes disso não era muito valorizado (ARIÈS, 1973).

Já na Idade Moderna, começa uma transformação de pensamentos em relação à infância, ela passa a ser considerada como uma existência apartada. Nas observações dos movimentos de dependência das crianças muito pequenas, os adultos passaram, aos poucos, a se preocupar com estas que a partir daí passaram a ser vistas como frágeis e dependentes. Por esse motivo, essa fase da vida passou a ser relacionada com a ideia de proteção. Até o século XVII, a ciência ignorava a infância, pois não existia lugar para as crianças nesta sociedade, a qual era caracterizada pela inexistência de uma palavra própria para essa fase. Com as observações e as imagens de dependência e proteção, surgiu a infância. As crianças, que eram vistas apenas como seres biológicos, necessitavam de grandes cuidados (LEVIN, 1997).

Atualmente, após a institucionalização da escola, o julgamento de infância começou a ser modificado por meio dos estudos e da escolarização das crianças, visto que há muita pesquisa no campo de desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças e construção social da infância. No documento Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), no conceito de criança, já se nota uma grande mudança de pensamento comparado com conceitos das épocas anteriores.

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (p.12).

A educação infantil é a educação que envolve o período do nascimento da criança até a idade que a criança entra no ensino fundamental. Além da Constituição, o direito à educação infantil vem garantido em outras normativas, principalmente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Plano Nacional de Educação (PNE).

Para Maluf (2012), os primeiros anos de vida são determinantes na formação da criança, pois se trata de um momento em que ela está formando sua identidade e boa parte do seu intelectual. Maluf coloca a importância de nessa fase buscar estratégias que sejam capazes de intervir positivamente no desenvolvimento da criança, suprimindo suas necessidades e desenvolvendo suas competências.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), os artigos que contemplam a educação infantil, são os artigos 29, 30 e 31. Neles, o direito à educação infantil é tido como a primeira fase da educação básica que tem a função de desenvolver de forma integral a criança até os seis anos, nos quesitos físico, psicológico, intelectual e social, junto com a família e a comunidade. Os locais que oferecem essa educação básica são creches, ou entidades equivalentes, até os três anos, e pré-escolas para as crianças de quatro a seis anos de idade. A forma de avaliação é por meio de acompanhamento e registros do desenvolvimento da criança.

É importante ressaltar que, no ano de 2013, foi estabelecida a Lei federal nº 12.796/2013, que modifica a LDB 9.394/1996 e determina que a educação obrigatória e gratuita atenda as crianças e adolescente de 4 a 17 anos, resultando na obrigatoriedade de as famílias matricularem as crianças na pré-escola. A meta do Plano Nacional de Educação (PNE) para este ano (2016) – Lei nº 13.005/2014 – é a universalização da educação infantil na

pré-escola para as crianças de 4 a 5 anos de idade e expandir a oferta de educação em creches, de forma a receber, no mínimo, cinquenta por cento das crianças de até três anos até o final da vigência do PNE.

Todas as instituições que atendem crianças de até seis anos devem respeitar o grau de desenvolvimento biopsicossocial e a diversidade social e cultural das populações infantis, como também promover o seu desenvolvimento integral, ampliando suas experiências e conhecimentos, de forma a estimular o interesse pela dinâmica da vida social e contribuir para sua integração e convivência na sociedade sejam produtivas e marcadas pelos valores de solidariedade, liberdade, cooperação e respeito. As instituições de educação infantil precisam ser acolhedoras, atraentes, estimuladoras, acessíveis às crianças (...) (MALUF, 2012, p. 13).

Maluf coloca sua visão a respeito do papel das instituições de educação infantil e destaca a importância de estimular as crianças à dinâmica, interação e convivência social, respeitando a diversidade cultural das populações infantis.

1.2 Rotina na educação infantil

A rotina é um dos elementos que compõe o dia a dia de qualquer pessoa, uma sequência de ações que são repetidas diariamente, semanalmente, mensalmente, em períodos repetidos no cotidiano.

O cotidiano é aquilo que vivemos no dia a dia, no presente. É o que acontece, a dimensão concreta da vida. Ele inclui o que planejamos, mas também o inesperado. A rotina é uma estratégia utilizada pelos seres humanos para organizar seu cotidiano (LOPES, 2006, p. 74).

Dentro da educação, a rotina tem função primordial, é uma categoria responsável para estruturar as atividades diárias realizadas no cotidiano das crianças, “sua importância provém da possibilidade de construir uma visão própria como concretização paradigmática de uma concepção de educação e cuidado” (BARBOSA, 2006, p. 35). É importante para o desenvolvimento gradativo do aluno e um facilitador para o planejamento do professor.

Existem fatores condicionantes para a efetivação da rotina escolar, normalmente atrelados a duração da aula, horário de chegada e saída, lanche, horário de trabalho dos funcionários.

É uma proposta para organização do trabalho pedagógico do educador (BARBOSA, 2006).

No documento Currículo em Movimento da educação básica, a rotina é um dos pontos destacados. Segundo o texto do currículo, ela normalmente contempla “recepção, roda de conversa, calendário e clima, alimentação, higiene, atividades de pintura e desenho, descanso, brincadeira livre ou dirigida, narração de história, entre outras ações” (p. 53).

Com objetivos bem elaborados, estudados e coerentes com as propostas de ensino, a rotina colabora muito com desenvolvimento significativo e aprendizagem, construção da autonomia e da formação da personalidade da criança, oferece práticas envolvendo a movimentação do corpo, além da estimulação dos sentidos e o sentimento de segurança para o aluno.

A estrutura da rotina tem como base primordial o suprimento das necessidades biológicas como alimentação, descanso, sono, higiene pessoal, atividades motoras. Algumas questões são importantes quando se fala em organização da rotina, tais como duração das atividades e como elas são distribuídas ao longo do dia ou da semana, a função de cada atividade para aprendizagem e desenvolvimento, a frequência de cada atividade e o tempo de espera entre as elas, onde são feitas cada atividade e se o local é apropriado para cada uma.

Outras questões fundamentais são colocadas no Currículo em Movimento da educação infantil sobre a questão da participação das crianças na elaboração da rotina: as crianças são ouvidas e cooperam na seleção e organização das atividades da rotina? Como as interações adulto/criança e criança/criança são contempladas na organização dos tempos, materiais e ambientes? (Currículo em Movimento, 2014, p. 54). Esses questionamentos são os mesmos que levaram à minha indagação dentro de sala de aula e motivadora para minha pesquisa monográfica: há realmente a interação das crianças em sala de aula? Há voz para a criança? Os alunos participam das escolhas e decisões? A professora considera as falas? Qual o melhor momento para essas interações professor-aluno e aluno-aluno? A roda de conversa pelos meus estudos e observações seria o espaço ideal para essas interações sociais, críticas e de trocas de falas e ideias. Mas quais as implicações dessas falas e interações no trabalho pedagógico? E como acontece a roda de conversa? Procuo esclarecer esses questionamentos com minhas pesquisas nos próximos tópicos e com minhas observações em sala.

1.3 Hora da roda!

Em meus estudos e minhas buscas, tive muita dificuldade em encontrar textos, estudos e pesquisas relacionados especificamente com roda de conversa na educação infantil. São poucos os trabalhos que abrangem esse ponto da rotina escolar.

Vigotski (1994) retrata a importância da interação e da relação social, aponta que a noção de consciência é aquela que ao modificar o meio natural e o indivíduo se constitui na relação que concebe com o outro.

É importante observar que a interação social é um procedimento no qual os aspectos mentais e sentimentais não podem ser dissociados. A interação não só colabora para a aprendizagem nas trocas de ideias, mas é significativa para a formação como pessoa e seu desenvolvimento crítico, afetivo e social, e há uma construção da autonomia, capacitando as crianças a ser criativas e transformadoras do ambiente, não só passivas, mas ativas no processo. Essa ideia implica percebê-las como sujeitos ativos, capazes de participar e intervir na realidade ao seu redor e cabe ao adulto, no caso da educação o professor, mediar esse processo de troca e construção do ser.

No tópico “Brincar e Interagir” do Currículo em Movimento da educação infantil, o documento apresenta um conceito para interação:

Interações são ações sociais, mutuamente orientadas, entre duas ou mais pessoas, que podem motivar modificações no comportamento dos envolvidos, como resultado do contato e da comunicação que se estabelece entre eles. Ressalte-se que as interações se estabelecem entre as pessoas desde o nascimento, a exemplo do que ocorre quando a mãe busca obter a atenção do bebê por meio de sorrisos, de voz e de apresentação de objetos, entre outros. Envolvem comunicação gestual, corporal e verbal e podem ser harmoniosas ou antagônicas, imitativas ou de oposição às ações do parceiro. Em suma, as interações, no espaço escolar, constituem-se como possibilidades de ouvir o outro, conversar e trocar experiências, aprender junto (p. 39).

É interessante perceber que o interagir consiste em perceber o outro e se relacionar, algo que, como o documento ressaltou, já faz parte do ser desde o nascimento e é a essência do viver em sociedade, em conviver com o outro. Outro ponto destacado é que a interação envolve não só a comunicação verbal, mas gestual e corporal. Mas procuro na pesquisa me atentar à fala, à palavra.

Vigotski (1994) dá uma importância expressiva à palavra. Para ele, a palavra tem uma função instrumental, assim, é tida como signo que, ao ser expressa, carrega consigo contexto histórico, relação com o vivido, subjetividade e é utilizada para comunicar e construir sentidos e significados. A função do outro nessa interação é fundamental tanto para a construção do eu quanto no desenvolvimento e aprendizagem que o indivíduo vai adquirindo ao longo da vida.

É importante ressaltar, que a criança é um sujeito histórico, que carrega com si uma bagagem, do que foi vivido: “ (...) o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia” (VIGOTSKI, 1994, p. 110). O autor enfatiza que o desenvolvimento da criança é fruto dos estabelecimentos sociais e sistemas educacionais, como família, igreja e escola, que auxiliam a criança a descobrir a ação do outro e da sua própria ação. Em sua teoria, a criança só compreenderá as coisas dependendo das pessoas, que mostram ações, movimentos e formas de expressão. Logo, essa troca de experiências é fundamental para o enriquecimento do saber e a constituição de mundo para o desenvolvimento infantil e construção das identidades de cada criança dentro de sala de aula.

Em todo documento Currículo em Movimento da educação infantil, é constante a abordagem e defesa da importância da interação para o desenvolvimento do educando, de trocas significativas de experiências e de entender o aluno como um sujeito singular e que possui sua história. Quando é colocado sobre os cuidados educacionais e quando o professor exerce esses cuidados, o documento retrata um ponto que é base para a roda de conversa: “Compreende que é pela interação com adultos, com outras crianças e com o meio que elas ampliam suas experiências e se desenvolvem globalmente” (p. 37). A interação é colocada como elemento fundamental de desenvolvimento e ampliador de conhecimentos e experiências.

Para Freire (2002), a roda de conversa se caracteriza por ser um espaço de partilha e confronto de ideias, em que há um crescimento individual pela possibilidade de, por meio de experiências do outro, compreender os seus próprios conflitos. Portanto, a roda se constitui um espaço de possibilidade para essa troca de experiências, a comunicação

dinâmica e produtiva entre os alunos e o professor, com o objetivo de criar um espaço de diálogo e de escuta de diferentes vozes, constituindo-se num instrumento de compreensão do outro e de realidades iguais e desiguais. A conversa é fundamental para que a professora conheça os saberes e experiências, pois a criança é provocada a participar do momento, tendo o direito de usar a fala para expressar seus pensamentos, experiências de vida, expor sua forma de compressão do mundo.

É importante considerar que a roda não se trata de relação professor-aluno, mas é uma interação entre as próprias crianças em que o professor é mediador e participante. O Currículo em Movimento também trata desse ponto, que o espaço escolar não se constitui apenas por relação adulto e criança, mas realça a importância da relação criança/criança (p. 40).

1.4. Vamos conversar um pouco sobre professor e o trabalho pedagógico?

Na educação infantil, os aspectos que dizem respeito as rotinas e as ações do educador que se desenvolvem nas instituições demarcam caráter pedagógico. Esse conjunto de práticas desenvolvidas na instituição e em sala de aula é o que constitui o trabalho pedagógico e é nele que estão presentes as dimensões institucionais nas quais a educação infantil se desenvolve, não só as ações práticas, mas as concepções e posicionamentos que norteiam a prática em si. É um processo que envolve escolhas cotidianas acerca do processo de ensino-aprendizagem dos educandos, que primeiramente se dá no nível institucional, mas também vai além da sala de aula, não é algo limitado (KRAMER, 2008).

O projeto pedagógico tem como foco o aluno, e o professor tem o papel de mediar, não ser apenas um mero transmissor.

Faz parte do trabalho pedagógico o planejamento, que assim como a rotina é algo presente em todos os momentos da vida, na educação não é diferente. O ato de sistematizar a organização dos procedimentos em sala de aula, o tempo, as atividades, a rotina, o conteúdo é a base para a atividade escolar. Assim, o planejamento, a forma que o professor organiza suas aulas e seu plano diário são essenciais para o desenvolvimento do seu trabalho docente. Para Libâneo (1991), o planejamento é um procedimento de sistematização e organização das ações do professor, é a forma de racionalizar o trabalho pedagógico.

Existem vários níveis de planejamento, do macro ao micro, do nível global até a sala de aula, no entanto, o objetivo dessa pesquisa tem como interesse o trabalho pedagógico em sala. O planejamento de sala de aula é caracterizado por procedimentos realizados em sala, é o plano do professor para aquele momento, aquele ambiente. Como o professor programa suas atividades, a forma de desenvolver o conteúdo, os trabalhos, o tempo “é um processo de reflexão, de tomada de decisão” (VASCONCELOS, 1995, p. 43).

O planejamento não pode fugir da realidade dos alunos, deve corresponder as necessidades deles. Moretto (2007) coloca que o professor, ao planejar suas aulas, deve considerar elementos fundamentais, como: conhecer sua própria personalidade como professor; conhecer seus alunos e seus contextos sociais; e ter conhecimento de métodos e formas mais adequadas para chegar aos seus objetivos de ensino e aprendizagem.

CAPÍTULO 2

FALANDO SOBRE A METODOLOGIA

2.1 Abordagem metodológica, instrumentos e procedimentos empíricos

A escolha da abordagem metodológica é essencial para o caminhar da pesquisa. Segundo Gonsalves (2003), o registro metodológico evidencia a postura epistemológica enquanto pesquisador e demonstra qual caminho o pesquisador usou para chegar aos objetivos e metas, como ele concebe a relação sujeito-objeto do conhecimento. A pesquisa pode ser classificada por diversos critérios, a mesma autora aponta alguns como: segundo os objetivos; segundo seus procedimentos de coleta; segundo suas fontes de informação; e segundo a natureza dos dados. Buscando evidenciar como cheguei ao meu objeto, a metodologia escolhida para o trabalho foi definida pensando em cada objetivo e cada ponto de interesse de análise do trabalho monográfico.

No caso do meu trabalho, por meu interesse de pesquisa ter começado no estágio obrigatório, o estudo de caso foi o que melhor se adequou ao objetivo inicial, que é a observação da roda de conversa em sala e como isso influencia no trabalho pedagógico, isto é, como a professora relaciona esse momento para elaboração da sua prática. Portanto, o estudo se encaixa com a proposta de estudo de caso, pois “é o tipo de pesquisa que privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para a análise de um fenômeno” (GONSALVES, 2003, p. 67). Outro ponto relevante colocado pela autora é o fato do estudo de caso dar a possibilidade de colaborar na tomada de decisões sobre o que é analisado, por ser uma análise minuciosa da experiência.

André (2005), ratifica as afirmações de Stake (1995, p. 11): “o estudo de caso é o estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular, levando a entender sua atividade dentro de importantes circunstâncias”. Entretanto, a autora prefere usar o termo “estudo de caso do tipo etnográfico”, que seria um estudo de um fato educacional em profundidade, com destaque na sua singularidade e considerando os princípios e métodos da etnografia.

Por se tratar de um estudo de caso, que procura entender o fenômeno, considerando o valor e o significado que os outros dão à sua prática, a natureza dos dados é qualitativa.

Apesar de vários autores denominarem “estudo de caso qualitativo”, inclusive Stake (1994, p. 236; 1995, p. 11), André (2005) foge dessa concepção:

Embora alguns autores, como Stake (1994, p.236 e 1995, p. xi) adotem a denominação “estudos de caso qualitativos”, por terem “forte interesse naturalístico, holístico, cultural, fenomenológico”, distinguindo-os dos não qualitativos, que “ênfatisam uma bateria de medidas e um conjunto de variáveis descritivas”, prefiro usar uma denominação que não acentue a dicotomia qualitativo-quantitativo, porque como se sabe, qualidade e quantidade estão associadas (André, 2005, p. 23).

A autora, diferente de outros autores, procura não dar o nome “qualitativo”, que enfatiza e distancia o qualitativo do quantitativo, pois parece que o qualitativo não é tão reconhecido e diferentemente do que André (2005) defende.

A constituição da pesquisa de abordagem qualitativa teve uso de entrevista semiestruturada como instrumento metodológicos para a coleta dos dados empíricos com a intenção de obter informações que não poderiam ser adquiridas apenas com a observação. A realização da entrevista, juntamente com a observação, é um mecanismo importante para o estudo e a análise. A entrevista tem a vantagem de possibilitar a interação entre entrevistado e entrevistador. A abertura que se tem no percurso de sua realização é um ponto marcante nas entrevistas semiestruturadas, não sendo obrigatório um roteiro rígido, mas possibilita a liberdade, sendo possível às duas partes fazer inferências ou esclarecimentos. Como coloca Ludke:

É importante atentar para o caráter de interação que permeia a entrevista. Mais que os outros métodos de pesquisa, que em geral estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, como na observação unidirecional, na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde (LUDKE, 1986, p. 33).

Na entrevista, há uma maior liberdade e uma interação não encontradas em outros métodos, entrevistador e o entrevistado tem a liberdade de se colocar e além da fala é possível fazer análise da expressão e até mesmo observar a não fala, o silêncio. Há uma troca entre os dois indivíduos, o que pergunta e o que responde, e há maior riqueza de informação comparada a outros métodos, um exemplo é o questionário.

2.2 Contextos da pesquisa

As observações foram realizadas em uma turma de educação infantil, em uma escola de Brasília. De acordo com o Projeto Político-Pedagógico da escola, a comunidade escolar está composta, em sua maioria, por crianças do Entorno, que não tiveram a possibilidade de aumentar seu capital cultural. No entanto, eles buscam olhar os alunos e compreendê-los melhor no seu desenvolvimento total e nas suas individualidades, num contexto social.

2.3 Participantes

Segundo Gonsalves (2003), os “sujeitos da pesquisa” se referem ao universo populacional que o trabalho privilegiará, as pessoas que fazem parte do fenômeno que será analisado. O público alvo do meu estudo foi a professora com sua turma da educação infantil, turma do 1º período, vespertino, composta por 24 alunos no total, destes 8 são meninos e 16 são meninas, com 5 anos de idade, todos chegaram à escola no ano de 2016. A adaptação das crianças foi tranquila, apesar de alguns alunos chorarem, demonstrando insegurança, acredito que por ser sua primeira experiência escolar. As crianças, em sua maioria, conversam naturalmente e relatam fatos. É perceptível o interesse por jogos (de construção, com peças de encaixe), modelagem dirigida, canto e ouvir histórias, especialmente os clássicos. A turma conversa muito usando tom de voz alto, expressando seus sentimentos, desejos, insatisfações. Observa-se a definição de grupos nas brincadeiras em sala e no parquinho, determinados por características comuns ou sexo. Algumas crianças não aceitam ser contrariadas, repreendidas e apresentam dificuldades para assimilar as regras propostas nos nossos combinados para uma boa convivência em grupo e o bom andamento da rotina em sala. De acordo com a linguagem oral e escrita, foi possível perceber que alguns alunos possuem boa oralidade, mas outros têm a oralidade pouco desenvolvida, o que é trabalhado por meio de atividades específicas.

No início, poucos identificavam e registravam os seus nomes, mesmo com o auxílio da ficha. Poucos também identificavam as letras do alfabeto. Na rotina diária, são feitas atividades com a finalidade de se trabalhar o nome e o alfabeto. A linguagem matemática é trabalhada por meio da rotina com contagens orais diárias de diversos objetos e também com o registro dos numerais. As crianças reconhecem os numerais entre o 5 e o 10. Atividades que favorecem as noções de tamanho, distância, tempo, quantidade, figuras geométricas, como o quanto somos, o calendário, a linha do tempo, utilizados na rotina, facilitam essa aprendizagem.

O trabalho com a linguagem corporal é beneficiado com brincadeiras e músicas que compreendem os movimentos básicos: correr, saltar, andar, pular, subir; as orientações espaciais: frente/atrás, embaixo/em cima, direita/esquerda e a discriminação das diferentes partes seu corpo. Algumas crianças apresentam uma maior dificuldade em segurar o lápis, o pincel, a tesoura, em traçar e se movimentar. Na linguagem artística, para que ampliem suas habilidades em geral, elas são estimuladas por meio de produções com materiais diversos como tintas, lápis de cor, giz de cera, papéis diversos, sucatas e com diversas técnicas. A turma participa de projetos lúdicos e atividades que estimulam a aprendizagem, como: Literatura; Formando Hábitos Alimentares Saudáveis; Passeando e Aprendendo; Recriarte; Momento Cívico; Diversidade Cultural; Meio Ambiente; Música e Movimento; Inclusão Digital; e Educação Integral da Criança.

A professora tem 36 anos, formada em pedagogia. Fez pós-graduação em orientação educacional e em educação infantil, com ênfase em séries iniciais e alfabetização. Escolheu ser professora por influência da mãe que é professora. Quando criança, a acompanhava à escola, ajudava a organizar a sala e os materiais, estava sempre no ambiente escolar. O seu primeiro emprego foi numa escola como auxiliar e, segundo ela, fazia de tudo um pouco: auxiliava na xerox, fazia murais e foi se encantando cada vez mais pela profissão. Trabalhou 8 anos como auxiliar e depois decidiu fazer o curso de pedagogia. Começou a faculdade com 26 anos e logo no primeiro semestre já assumiu um trabalho em uma escola como estagiária. Em seguida, a escola promoveu ela à professora de uma turma de maternal, portanto, antes de se formar já teve experiência como professora. Permaneceu 8 anos nessa escola e concluiu a graduação. Logo depois, trabalhou em dois turnos: de manhã em uma escola com uma turma e de tarde em outra escola com alunos de faixas etárias diferentes. Juntando tudo, tem experiência de 12 anos em escola particular. No ano de 2012 e 2014, fez prova de contrato provisório da Fundação Educacional, passou nos dois concursos provisórios, está pelo quarto ano como contrato e pensa em fazer novamente para o ano seguinte. Trabalhou muito tempo com maternal no primeiro e segundo período, mas atualmente está com o primeiro período.

CAPÍTULO 3

RODA SEM RODEIO: RESULTADOS E ANÁLISE

Comecei as observações já no estágio supervisionado obrigatório, que consta no currículo de pedagogia da Universidade de Brasília. No início de 2016, quando comecei as observações participativas fiquei encantada com a estrutura e os projetos realizados com a educação infantil. A escola tem um espaço pequeno, mas tudo bem adaptado para os alunos, e diversos espaços, possui: quatro salas de aula; uma sala de informática com computadores bons em funcionamento; cantina; área para refeição; parque; pátio; e área de gestão. Cada sala tem seu próprio banheiro, todas as salas têm televisão, brinquedos, livros, armários embutidos e tudo bem novo e conservado.

Durante os dois semestres que estive presente na escola, optei por permanecer na mesma turma de primeiro período, alunos entre 4 a 5 anos. Nesses semestres, pude acompanhar desde o momento de adaptação ao desenvolvimento da fala, escrita dos nomes, desenvolvimento motor, cognitivo, acompanhei as principais dificuldades da professora durante o ano, o processo de ensino-aprendizagem e todos os progressos da turma. Pude observar a prática da rotina, o tempo dos alunos, o modo da professora preparar suas aulas e aplicá-las, e principalmente, pude presenciar meu objeto de estudo, que foi a roda de conversa com a interação dentro desse momento e como isso repercutia no trabalho pedagógico da professora.

As minhas observações foram feitas nas terças e sextas-feiras da semana. A escola como um todo tem uma rotina semelhante para todas as turmas, mudando apenas os horários das atividades. Na turma em que estive presente, a rotina consiste basicamente em cinco momentos: acolhida, roda de conversa, atividade, horário para alimentação (lanche) e os projetos desenvolvidos na escola.

A acolhida ocorre no pátio da escola com todas as turmas, professoras e a gestão da escola. Os alunos vão chegando à escola e já vão se dirigindo ao local da fila da turma em que fazem parte, cada turma tem uma cor. O pátio possui linhas com cerâmicas da cor da turma no chão, marcando o local de fila de cada turma. Os alunos vão chegando e sentando na cor da sua turma. Assim que toca uma música no som, os alunos se levantam,

as professoras se dirigem para o pátio e ficam em frente às suas devidas turmas, a diretora, a vice-diretora ou a coordenadora faz a recepção dos alunos dirigindo uma palavra de bom dia aos alunos. Logo em seguida, cantam a música de bom dia, sempre a mesma. Após cantarem, dão tchau para os papais, mães ou responsáveis e cada turma se dirige à sua sala.

Já dentro da turma azul em que tive a oportunidade de observar, os alunos entram, penduram a mochila no local apropriado e deixam a agenda na mesa da professora. À medida que vão deixando a agenda, já vão fazendo a roda para o momento dos combinados, das conversas, músicas e, às vezes, leitura de histórias. O momento de roda de conversa é sempre feito no início, antes de qualquer atividade. A professora usa esse momento para falar um pouco das atividades que serão realizadas, relembrar dias anteriores e atividades feitas, cantar com os alunos, fazer reclamações de alunos ou da turma de maneira geral, contar histórias e abordar conteúdo.

Dependendo do que foi abordado na roda, uma história ou algum conteúdo, a atividade é relacionada com o que foi colocado já na roda. Seria o terceiro momento do dia. Sexta-feira, como é o dia do brinquedo para toda escola, é o único dia que não tem atividade e, quando tem, é artística.

Após a atividade, 14h30 é o lanche. A escola tem um projeto envolvendo alimentação saudável. Ela oferece o lanche, mas as crianças também têm a liberdade de trazer lanche de suas casas, desde que o lanche seja saudável e toda última quinta do mês é o dia de levar fruta. Quando acaba o horário da alimentação e as crianças terminam de lanche, elas se dirigem à sala, onde tiram alguns minutos de descanso, a professora coloca uma música e as crianças deitam no chão e podem relaxar um pouco.

Às 15h é o horário do parque. O parque é de areia e é localizado na entrada da escola, em um ambiente de sombra. Os brinquedos são de madeira e alguns de ferro. As crianças vão em fila para o parque. O tempo de parque é de quarenta minutos, as crianças brincam e a professora fica do lado de fora sentada observando os alunos e é comum adiantar algum trabalho como olhar agendas ou preparar algum trabalho para atividades de outros dias.

O quinto momento é o do projeto. O horário na rotina do projeto é 16h20 e tem duração de 50 min. Cada dia da semana é dia de um projeto. Segunda-feira projeto de música; terça-feira projeto literário; quarta-feira cinema com pipoca; quinta-feira Recriarte; e

sexta-feira projeto de informática. Com exceção do projeto cinema com pipoca, todos os outros são feitos em outro ambiente, sem ser a própria sala de aula. Os projetos de música e o literário são feitos com outras professoras e o restante com a professora da turma mesmo. O resto do tempo a professora usa para massinha, livre para brincar na parte exterior da sala ou para o término das atividades.

Como minhas observações foram feitas terças e sextas-feiras, presenciei apenas dois projetos: o literário e o de informática.

Na minha análise dentro de sala, fiz observação participativa da rotina, porém o foco da pesquisa foi a observação da roda de conversa e como a professora utilizava esse momento para seu trabalho pedagógico. Procurei entender a concepção da professora sobre a roda de conversa e como acontecia o momento, mas não só o momento da roda, mas como refletia no seu trabalho posterior. Utilizei o método estudo de caso, feito por observação, e a entrevista semiestruturada feita com a professora da turma.

Na roda, a professora procura sempre orientar o que será feito durante o dia, apesar de ser uma prática que deve ser feita todos os dias, nem sempre a professora consegue fazer. Na entrevista ela destaca a importância da roda de conversa e como é realizada. A primeira pergunta feita à professora foi relacionada ao objetivo da roda de conversa: qual o seu objetivo para a roda de conversa?

Resposta da Professora do 1º período (2016):

“Na roda de conversa, a gente canta para desenvolver a oralidade deles e para informar o que vai acontecer durante a tarde e também para conversar com eles sobre o comportamento deles sobre algumas atitudes que eles tiveram com o colega, a gente faz algumas dinâmicas na roda. Então acho que a roda é fundamental, é o que a gente faz no começo da tarde, é fundamental para o restante do dia. Na roda, a gente procura passar para eles tudo o que a gente vai trabalhar e também procura ouvir deles um pouco também: tanto em relação ao conteúdo como para esclarecer alguma dúvida alguma intriga com colega. Então a roda é para isso mesmo. Alguma musiquinha nova também, que esteja dentro do conteúdo”.

A música é uma das coisas que os alunos mais gostam no momento da roda, eles cantam várias canções que fogem das convencionais. Outro ponto observado é que a professora, como ela mesma colocou, utiliza muito a roda para reclamar do comportamento dos

alunos, do mau comportamento. O que não condiz com as observações que fiz em sala é a prática de ouvir e deixar o aluno falar. Várias vezes presenciei ela ignorando a fala ou mandando o aluno ficar em silêncio durante a roda, foram poucas as vezes que o aluno pode falar nos dias em que estive presente.

Nos estudos realizados durante o processo de pesquisa, a fala é tida como essencial para o sujeito, no caso a criança. A criança que antes era tida como incapaz de falar, hoje é vista com um viés diferente. Como vimos, para Paulo Freire (2002), a roda é um espaço de partilha.

Para Vigotski (1994), a fala é primordial. A roda é um espaço de troca da professora e sua bagagem de conhecimento e informação e da criança, que também tem sua bagagem de conhecimento e informação. Na roda, é possível construir e desconstruir ideias distorcidas e auxiliar os alunos no que diz respeito a conhecimento de mundo, desenvolve a oralidade e a autonomia das crianças.

Mas para que haja essa troca, antes é preciso entender a infância e a criança como sujeito. Na minha entrevista com a professora, ela relata um pouco do entendimento dela sobre essa fase da infância e sua visão sobre a etapa. Na entrevista, pergunto à professora: o que é infância para você?

Resposta da Professora do 1º período (2016):

“Para mim, a infância é a fase mágica da nossa vida, da vida de uma criança. É a fase mágica, fase de sonhos, fase de sonhar, de se encantar, de se iludir. Acho que é a fase mais importante. E acho que essa fase de educação infantil, para mim, é a fase mais importante para a criança, porque é aí que ela tem a base que ela leva para a vida toda dela. Então, para mim, a infância é a fase mais importante”.

Ela enfatiza que a infância é a fase mais importante, na qual o indivíduo tem a base para a vida. Quando ela destaca essa fala, a roda de conversa vem como um aspecto fundamental para a estruturação dessa base. Vigotski (1994) ressalta a importância dessa troca, que só é possível a mudança a partir do momento que adquire consciência do mundo e dos fatos, isso se dá com a troca de vivências, experiências, com a interação. Com a interação é possível ver o mundo por olhares diferentes, construir e desconstruir conceitos, mudar caminhos e pensamentos, criar o novo, ser autônomo e criativo, realmente ter uma base para o resto da vida.

Para isso, a educação infantil teria o papel de possibilitar uma base sólida e concreta, vista hoje como uma educação básica. Para Maluf (2012), os primeiros anos de vida são determinantes na formação da criança, pois se trata de um momento em que ele está formando sua identidade.

A troca de conhecimentos, histórias e experiências faz parte da roda e permite essa formação de identidade. Ao perguntar para professora se ela achava necessário esse momento de roda de conversa, obtive a seguinte resposta.

Resposta da Professora do 1º período (2016):

“Acho muito importante, porque na roda dá para todo mundo se ver, então eu sento quase que junto com eles ali e é o momento de esclarecer, da gente conversar, dessa interação comigo e com eles também”.

A relação professor-aluno, a interação, as mediações estão presentes em todo processo de formação e exercem função de importância para que ocorra sucesso no desenvolvimento infantil. Para melhor compreensão dessa prática de diálogo, Freire aponta:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se socializam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco torna-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p. 91).

Freire mostra que o papel do professor não é de apenas depositar ideias, mas é uma troca. Assim, quanto mais momentos de interação e de trocas, mais o professor conhecerá profundamente os seus alunos. Não é algo imediato e simples, mas um trabalho constante. A fala de Freire – “nem tampouco torna-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes” – mostra a necessidade de serem trabalhadas essas falas, de não tornar uma simples troca de ideias, mas fazer dessa fala parte do trabalho pedagógico.

A roda de conversa na turma em que fiz observação faz parte da rotina, assim como mostra no Currículo em Movimento.

Os alunos após colocarem as agendas na mesa da professora já sentavam na “rodinha”, na maior parte das rodas que fiz observação a professora utilizava o momento para chamar atenção dos alunos. Em uma das rodas que presenciei quase toda roda a professora chamou atenção.

Professora: *Eu tenho que repetir quantas vezes? Senta, senta, senta, senta? Tem gente que não tem educação!*

Aluno 1: *Tem que ficar sentado e calado, se não fica feio.*

Aluno 2: *Não vai ganhar balinha, não vai ganhar jujuba, não vai ganhar nada. Tá assim ó... (Faz sinal, dedo polegar para baixo)*

Professora: *Então tem gente que vai ficar sem parque!*

Na roda de conversa, a professora passa a programação do dia, canta algumas músicas com os alunos, mas o que mais atrapalha é que na maior parte do tempo cobra atenção de quem está atrapalhando, levantado ou conversando com o colega ao lado e acaba tornando o momento de roda um tempo para brigar com as crianças. Para Freire (1995), a disciplina, a relação autoritária, impositiva, que não deixa espaço para a curiosidade, é antagonista a uma educação afetiva e dialógica.

Na entrevista, a professora fala um pouco de como acontece a prática da roda.

O que você procura abordar nesse momento?

Resposta da Professora do 1º período (2016):

“Conteúdos, músicas, dinâmica, falar sobre o comportamento, principalmente, as palavrinhas mágicas, mas, principalmente, se eu for introduzir um conteúdo novo, eu preciso fazer uma roda. Eu não consigo fazer de outro jeito. Eu preciso fazer uma roda”.

A professora retrata a necessidade desse momento, para ela, a roda é o lugar dessas práticas de troca e diálogo. Ao pedir para ela descrever como é o momento, ela coloca uma situação em que uma criança coloca para turma uma situação em que enfrenta em sua casa.

Como você descreveria esse momento?

Resposta da Professora do 1º período (2016):

“Momento de interação. Às vezes, eles falam coisas que não estão no contexto da gente, do momento, mas eu vejo mais essa questão da expressão deles: as formas como eles se expressam. Às vezes, as crianças costumam muito trazer as vivências delas para cá, então nesse momento de rodinha a gente pega uma coisa ou outra. Às vezes, eu conto uma história e o aluno traz alguma coisa que acontece em casa, por exemplo, com o pai ou com a mãe. Teve uma situação que me chamou muita atenção: eu contei uma história,

não lembro muito bem a história, mas envolvia sentimento, envolvia família, teve até festa da família, e eu estava falando de família e tudo mais, de amor de pai e mãe, então uma criança relatou que na casa dela tinha muita desavença entre o pai e a mãe, que o pai brigava muito com a mãe, chegava a bater na mãe e tudo mais, então eles trazem essas vivências deles e em cima disso eu tive que montar um planejamento e depois tive que conversar com eles na roda, com ela principalmente. Dar um pouco mais de atenção. E, às vezes, se for preciso chamar o pai, a gente chama. Então, em cima disso, a gente tem que fazer todo um trabalho com a criança por uma fala que ela fez, logo é muito importante. E eu falo mais uma vez, a gente precisa ouvir mais as crianças porque às vezes a gente acha que não tem importância, mas tem muita importância e às vezes o tempo é muito corrido e a gente precisa parar mais para ouvir”.

As relações afetivas que os alunos depositam no professor e nos outros são de grande valor na educação, pois a afetividade é uma base para construção social. Segundo Freire (1967), a troca de fala constitui uma relação horizontal e se mantém por amor, confiança, esperança, há uma ligação entre o diálogo e a afetividade. No caso da experiência da professora com a fala dessa criança, foi um momento que a criança sentiu liberdade para se colocar e a professora tentou gerar uma reflexão com todo grupo partindo dessa experiência e passou a acompanhar mais a criança.

Na entrevista, a colocação da professora sobre os alunos trazerem as vivências deles para roda foi um tanto contraditória pelas minhas observações em sala. Muitas vezes aconteceu de as crianças falarem de alguma experiência pessoal, mas na maioria das vezes foram ignoradas ou cortadas pela professora, não percebi esse diálogo e uma reflexão ou ao menos espaço para falas, como o relato na entrevista. A roda de conversa, pelo menos nas observações feitas, era mais um momento de a professora falar e passar as informações e não uma troca, um diálogo. Para Vigotski (1976), na relação professor-aluno, ao contrário da imposição, o relacionamento deve se estabelecer em cooperação e respeito, considerando o aluno como um sujeito interativo.

O foco principal da pesquisa era saber como a professora utilizava a roda de conversa, as falas, as discussões para o trabalho pedagógico e seu planejamento. Mas antes procurei compreender o entendimento dela sobre o planejamento e esse trabalho.

Qual seu entendimento por trabalho pedagógico?

Resposta da Professora do 1º período (2016):

“O trabalho pedagógico, para mim, é o que a gente faz. A gente prepara e planeja as aulas e tenta passar para eles de forma mais lúdica possível que eles possam dentro do mundo deles, então trazemos muita ludicidade para dentro de sala de aula e procuramos fazer o melhor possível. A gente tem que preparar todo o planejamento para poder dar uma aula, então a gente tem que ir atrás de como vamos trabalhar com eles, a forma certa e tudo mais. Então a gente faz um trabalho todo antes de chegar aí na sala de aula no dia de dar aula. A gente procura ver direitinho com antecedência”.

A professora conceitua o trabalho pedagógico como toda ação dentro e fora de sala para que ocorra o processo de ensino e aprendizagem da parte dos alunos. Sobre o planejamento das aulas e como são preparadas, no início de cada semestre, todas as professoras da escola fazem um diagnóstico inicial dos alunos para a coordenação pedagógica ter um maior acompanhamento do processo e progressão ou regressão dos alunos, mas os planejamentos diários são feitos por diário *online* e não são muito detalhistas. Na entrevista procurei entender como ela prepara a aula.

Como são preparadas suas aulas?

Resposta da Professora do 1º período (2016):

“A gente faz um diagnóstico da turma no começo do ano para ver como está o andamento e o desenvolvimento deles. Em cima disso, a gente planeja nossas aulas e com o resultado e as observações sabemos se tem que puxar mais um pouco, se tem que voltar mais um pouco. A gente tem que revisar algumas coisas e em cima das aulas e dos resultados vamos pegando outras aulas. A gente tem os momentos de coordenação que são no turno contrário e nesses momentos a gente planeja nossa aula do dia. A gente faz planejamento diário, por exemplo, se vou dar uma tarefa de tarde, de manhã já deixo tudo pronto, se tem que pesquisar alguma coisa, se tem que deixar alguma coisa pronta já faço no turno anterior contrário. A gente tem toda uma rotina aqui com eles. A gente inicia com uma roda e nessa roda falamos o que faremos durante a tarde e sobre o conteúdo do dia. Então eles têm uma rotina a ser seguida e aqui na escola a gente tem todos os projetos e a gente monta nosso planejamento em cima dos projetos porque cada dia tem um projeto diferente então a gente tem que se planejar e ir se encaixando conforme os projetos”.

O planejamento da aula é um momento que o professor tem para encontrar melhores formas de obter avanços cognitivos, afetivos e sociais da criança, considerando-a como um ser social, que já tem um conhecimento prévio. De acordo com o Referencial

Curricular Nacional para Educação Infantil (1998, p. 196), cabe “ao professor planejar uma sequência de atividades que possibilite uma aprendizagem significativa para as crianças, nas quais elas possam reconhecer os limites de seus conhecimentos, ampliá-los”.

Entender o educando como ativo no processo de aprendizagem e histórico, que tem um conhecimento prévio é essencial, é uma das premissas da roda, a qual dá espaço para entender de onde o aluno vem, seus conhecimentos, sua história. Nas observações em sala de aula, procurei ter um olhar focado em como a professora utilizava a fala das crianças, seres históricos, inseridos em contextos distintos, no ensino e no seu trabalho pedagógico, mas tive um pouco de dificuldade. A impressão que experimentei é que a professora conhecia um pouco da história de cada aluno, mas não pela fala e experiência dos próprios alunos, mas por informações da gestão escolar, dos pais ou muitas vezes por ouvir dizer. Na experiência que tive de observação, não percebi a utilização das falas ou do conhecimento da história que a professora tinha dos alunos nas suas práticas pedagógicas. Na entrevista, tentei ser direta no que eu buscava, centro da minha pesquisa. Ao perguntar qual a influência da “fala” da criança na roda de conversa para o seu planejamento, senti um pouco de dificuldade da parte da professora em responder a essa pergunta. Mas após um tempo ela respondeu:

Resposta da Professora do 1º período (2016):

“Eu acho que às vezes nós, professores, a gente precisa ouvir mais a criança no momento de roda. Às vezes a gente está ali dando uma aula ou contando uma história empolgada e a criança quer falar e às vezes a gente não tem muito tempo. É um pouco complicado deixar porque quando um levanta a mão todo mudo quer levantar a mão, então às vezes você está ali naquele processo e como aqui é tudo “controladinho” (nosso tempo), a gente tem um projeto e às vezes fica bem difícil. Mas eu acho muito importante as crianças participarem, falarem, porque em cima disso a gente sabe como eles estão tanto em relação ao conteúdo como, por exemplo, eu conto uma história e depois peço para eles recontarem do jeito deles. Então aí eu vou ver se a criança entendeu, eu vou ver como está a sequência dessa criança, se ela tem déficit, se ela tem sequência lógica, como está até mesmo a oralidade dessa criança: você acompanha desde o começo do ano como ela está se expressando, a forma dela se expressar. Em cima disso dá para você fazer um bom planejamento. Se precisar, colocar mais atividades para que ela possa se expressar

mais; a questão da música: se preciso, colocar mais música na rotina, cantar mais com elas. Então a fala deles para mim é muito importante dentro do planejamento”.

Logo no início da fala da professora, tive a confirmação do observado, ela retratou a dificuldade de ouvir o aluno, a falta de tempo, a complicação, ela utiliza muitas palavras de empecilho para a utilização desse momento na prática. Não foi objetiva nem muito coerente na resposta e contornou mostrando a dificuldade em deixar o aluno se expor. Mas ela entende a importância da participação da criança, do falar. E ela finaliza sua fala expondo que a fala dos alunos para ela é importante dentro do planejamento, mas fala de maneira bem superficial, sem detalhar muito.

Conhecer os alunos é fundamental para o trabalho pedagógico e para o planejamento. Essa posição é bem clara no Currículo em Movimento da educação infantil:

Conhecer as preferências das crianças, a forma delas participarem nas atividades, seus parceiros prediletos para os diferentes tipos de tarefas, suas narrativas, estas observações e percepções podem ajudar o profissional a reorganizar as atividades de modo mais adequado à realização dos propósitos infantis e das aprendizagens coletivamente trabalhadas. Por isto, as interações criança/criança também são importantes e merecem conquistar tempos e espaços no planejamento e nas atividades (p. 41).

A fala da professora, juntamente com as observações feitas no tempo que estive presente na escola, constata que não há um proveito do momento da roda, das falas dos alunos para seus planos de aula, sua prática pedagógica. O momento é proveitoso para abordar comunicados, contos de histórias, passar valores e introduzir conteúdo, mas não tem ligação com o projeto pedagógico como um todo, é só um momento da rotina. A singularidade, a fala de cada criança, o comportamento, a história de cada um ficam ali, são palavras em vão e não são trabalhadas. Não só isso, mas muitas vezes nem a oportunidade de fala as crianças têm. A roda no estudo de caso foi mais uma relação professor-aluno e de escutar a professora e ficar em silêncio, não existiu um momento de trocas, falas e interação das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: FECHANDO A RODA

Pode-se considerar que o meu estudo de caso respondeu o meu questionamento inicial de maneira não muito positiva, como o esperado, mas a questão foi percebida e respondida durante o tempo de pesquisa.

Procurei me atentar às falas da professora na entrevista e sua prática nas observações; e os dados ao final tiveram um bom encaminhamento ao meu ver.

Minha questão central inicial – quais as implicações das falas das crianças da educação infantil na roda de conversa sobre a organização do trabalho pedagógico? – foi respondida, mas infelizmente, não como uma prática bem-sucedida da parte da professora. Na pesquisa qualitativa, no estudo de caso de uma turma de educação infantil, a professora observada não utilizava esse momento como significativo para seu trabalho pedagógico. As falas das crianças não tinham implicações nos planejamentos e suas práticas dentro de sala. As rodas de conversa aconteciam, mas as crianças não tinham muita oportunidade de falar e, quando falavam, essas falas não eram trabalhadas pela professora no conjunto de seu trabalho e sua prática pedagógica.

A concepção da roda de conversa para a professora é como algo importante, pelo que ela demonstrou na entrevista, mas tanto na entrevista como nas observações, é notável a dificuldade que ela tem de aplicar as falas e o contexto de vida dos alunos aos planejamentos e ao trabalho pedagógico. É claro que existem alguns pontos que talvez possam ser complicadores para que ocorra essa prática de usar a fala dos alunos e o contexto de cada um dentro do plano, mas não são empecilhos. Pontos como a quantidade de alunos para uma professora, nesse caso são 24 alunos para uma professora, problemas familiares e psicológicos de alguns alunos, cansaço físico e emocional da professora e preocupação com o fim do seu contrato. Mas são pontos que talvez fossem motivadores para essa prática, olhando por outro ângulo. Por exemplo, problemas familiares e psicológicos de alguns alunos! A possibilidade do aluno se colocar, ter a fala e a abertura para turma, talvez fosse uma grande oportunidade de ser trabalhado os problemas e as dificuldades de cada aluno.

Não fiz a pesquisa no intuito de avaliar se a educadora, sujeito central da minha pesquisa, agia certo ou errado, tinha uma prática boa ou não, mas, sim, perceber o momento de roda e se ela utilizava esse momento e as falas em seu trabalho.

Observei que a roda de conversa acontecia diariamente, mas era um momento de passar a rotina para os alunos, muitas vezes chamar atenção deles por mau comportamento, um momento de musicalidade, de cantar, de aprender músicas novas, mas de poucas falas das crianças.

Meu questionamento final, que foi desenvolvido em todo meu trabalho e apontamentos, serve inclusive para meu trabalho como uma futura pedagoga, professora, como também para mais aprofundamentos de outras pesquisas.

Como o professor pode, por meio das falas das crianças, organizar o trabalho pedagógico? Ainda temos muita conversa....

Não fiz um capítulo exclusivo para essa resposta, pois meu objetivo não era passar a receita de como fazer, mas sim mostrar, pelo que eu acreditava e estudei, que cada aluno é único, tem uma singularidade, tem um contexto, tem uma história, carrega uma bagagem. E durante todo o estudo e pesquisa, isso foi confirmado. A fala de cada aluno pode ser trabalhada, colocando a individualidade dos alunos nos planejamentos: as dificuldades, as facilidades, o que gostam, o que não gostam. O professor pode usar essas informações e contextos para planejar aulas de interesses dos alunos e para os alunos, atendendo as necessidades de cada um. Contudo, não só no planejamento, mas até no ato de falar e atender cada aluno, entendendo o aluno como um ser de identidade própria, um ser social, emocional e capaz de falar, interagir, construir conhecimento, passar conhecimentos.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Sinto-me realizada e contemplada por concluir mais uma etapa. A conclusão dessa fase de graduação pela Universidade de Brasília não acaba agora, pois ser pedagoga está além dos muros de uma faculdade. Deste modo, pretendo ampliar meus conhecimentos, deleitando-me na continuação desse trajeto que é a busca pelo saber e realização, já que aqui vivi e revivi momentos enriquecedores que me levaram a grandes aprendizados. Tenho a intenção de prestar o concurso da Secretaria de Educação do DF e trabalhar como professora nos anos seguintes, voltando, após uns anos de experiência de rodas de conversa em sala de aula, para ingressar em uma pós-graduação, com especialização, mestrado e, possivelmente, no futuro, efetuar o doutorado na área de educação. Dessa forma, pretendo sempre lutar pela realização dos meus sonhos e estar em constante formação.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força [recurso eletrônico]: rotina na educação infantil**. Porto alegre: Artmed, 2008. Editado como também como livro impresso em 2006.

Distrito Federal. Ministério da Educação. **Currículo em movimento da educação básica educação infantil**. Brasília: MEC/SEF.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1999.

_____. **Professora SIM tia NÃO?** Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1993.

_____. **Pedagogia da Autonomia?** Saberes Necessários à prática educativa. 15ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. **A Paixão de Conhecer o Mundo**. 15ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 3ª ed. Campinas: Editora Alínea, 2003.

KRAMER, Sônia. Direitos da criança e projeto político-pedagógico de educação infantil. *In*: BAZÍLIO, Luiz; KRAMER, Sonia. **Infância, educação e direitos humanos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LEVIN, Esteban. **A infância em cena** – Constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor. Petrópolis: Vozes, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia Barreto de (Org.). **Livro de estudo**: Módulo III. Brasília: MEC; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação a Distância, 2006. 74 p. (Coleção Proinfantil).

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Atividades lúdicas para educação infantil**: conceitos, orientações e práticas. Petrópolis: Vozes, 2012.

MORETTO, Vasco Pedro. **Planejamento**: planejando a educação para o desenvolvimento de competências. Petrópolis: Vozes, 2007.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento**: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

APÊNDICE

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

ESCOLA

Caracterização da instituição em relação à educação básica: estruturação e condições de espaço físico, área externa, localização, área coberta, qualidade e quantidade da construção e dependências, acervo bibliográfico – se tiver, como é utilizado, material pedagógico etc.

Como está organizado e estruturado o espaço físico dos alunos na sala de aula: qual o material didático-pedagógico existente para os alunos, TV, retroprojetor, tamanho da sala.

PROFESSORA

Caracterização da professora da turma: formação. Experiência profissional. Relacionamento com os alunos. Criatividade. (Entrevista).

Planejamento: existe? Como ele é realizado, diariamente, semanalmente, anualmente? Em nível de unidade, secretaria de educação ou da professora? Qual é o referencial? Projeto Político-Pedagógico? Qual a importância real do planejamento para a educação básica? Rotina.

ALUNOS

Caracterização da turma: número de alunos, faixa etária, saúde, lazer, condições de moradia, constituição familiar, nível socioeconômico, número de irmãos, quantos componentes da família trabalham, nível de escolaridade da família.

OBSERVAÇÃO

Data/ Horário de chegada/ Horário de saída:

Conteúdo programado para o dia:

Rotina: observar todos os momentos de uma aula ou período de aula.

- Acolhida:
- Roda de conversa: fala da professora e dos alunos.
- Atividades:
- Lanche:
- Parque:

Em que momento? Duração? O que foi abordado?

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Feita no dia 25/10/2016. Horário: 15h00. Duração: 30 min., aproximadamente.

Questões:

Nome da professora/Idade/Formação/Experiências profissionais:

O que é infância para você?

O que acha da educação infantil?

Qual seu entendimento por trabalho pedagógico?

Como são preparadas suas aulas?

Qual o seu objetivo para a roda de conversa?

Você acha necessário esse momento de roda de conversa? Por quê?

O que você procura abordar nesse momento?

Como você descreveria esse momento?

Qual a influência da “fala” da criança na roda de conversa para o seu planejamento?